

“*O capital* e seus escritos preparatórios”: sobre o lançamento do volume 4.3 da MEGA

JORGE GRESPAN*

Entre 1867, quando publica o Livro I de *O capital*, e sua morte, em 1883, Marx viveu quase dezesseis anos, mas não conseguiu aprontar os outros dois livros da sua obra máxima de análise crítica do capitalismo. Tal fato constitui desde então um enigma, tradicionalmente explicado pelos problemas de saúde ou por pausas impostas pela militância política. Ambas as circunstâncias haviam já ocorrido na vida de Marx, contudo, e não impediram que ele estudasse economia política e escrevesse de modo incessante e intenso a partir de 1857.

O enigma não se resolve plenamente, mas recebe explicações mais interessantes no volume 4.3 da segunda seção da obra completa de Marx e Engels, a MEGA (Marx-Engels Gesamtausgabe), lançado no começo de 2013, em Berlim (Marx, 2012). Com esse volume encerra-se também a segunda seção, dedicada a *O capital* e aos seus escritos preparatórios, a primeira a se completar na coleção inteira. Tudo isso exige algumas considerações preliminares sobre o projeto da MEGA,¹ sem as quais é impossível avaliar o seu alcance.

A MEGA – história e objetivos

Desde o seu começo, em 1927, idealizada e coordenada por Riazanov, a MEGA propunha-se a oferecer aos pesquisadores da obra de Marx e de Engels

* Professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

1 As informações seguintes sobre a história e o projeto da MEGA devem muito ao artigo de Gerald Hubmann publicado na *Crítica Marxista*, n.34 (Hubmann, 2012).

os textos e manuscritos da forma mais próxima ao estado em que se encontravam nos arquivos de Moscou e de Berlim. A preocupação era já sobretudo crítico-filológica, fato que contribuiu para indispor Riazanov com a liderança soviética e levar à sua demissão em 1930 e ao fim do projeto, em 1935, depois da publicação de alguns poucos volumes. A substituição dessa chamada “primeira MEGA” pela MEW (Marx-Engels Werke), editada a partir da década de 1950, não chegou a satisfazer plenamente aos interesses de pesquisa, pois a nova coleção, talvez por se subordinar à política da União Soviética e da Alemanha Oriental, deixava várias obras importantes de Marx e de Engels de lado. Além disso, os títulos publicados vinham sem aparato crítico, fundamental no caso de textos inacabados, que desse modo adquiriam o aspecto de obras prontas e concluídas.

Alimentava-se, assim, o desejo de retomar o projeto da MEGA, algo que se tornou possível em meados da década de 1970, quando a “segunda MEGA” foi lançada, seguindo a proposta crítico-textual da primeira, mas ampliando a previsão de quarenta para 165 volumes. Mantiveram-se as três seções planejadas de início: a primeira, com os textos filosóficos, históricos e políticos; a segunda, com *O capital* e seus escritos preparatórios; e a terceira, com as cartas de Marx e Engels. No caso das cartas, a “primeira MEGA” já havia inovado em relação às edições anteriores da correspondência, ao incluir as que Marx e Engels enviaram para outras pessoas. E a “segunda MEGA” volta a inovar, ao acrescentar as respostas desses interlocutores, o que vem permitindo reconstituir toda a enorme rede de contatos de Marx e Engels na Europa e na América do Norte, parte fundamental da atuação político-revolucionária por eles desenvolvida. A essas três seções segue-se agora uma quarta, dedicada às notas de leitura e aos textos de estudo sobre diversos assuntos do interesse dos dois autores.

Mais de quarenta volumes haviam sido publicados até 1989, quando a queda do Muro de Berlim paralisou o projeto por alguns anos e chegou quase a determinar o seu encerramento. Ele foi salvo pela mobilização de pesquisadores e militantes marxistas, e a MEGA se restabeleceu vinculada ao Imes (International Marx-Engels Foundation) de Amsterdam, onde dois terços dos manuscritos de Marx e de Engels estão arquivados, e à Academia de Ciências de Brandemburgo, sediada em Berlim, onde trabalha a equipe que os decifra e edita.

Desde então, outros vinte volumes foram publicados, tendo sido a MEGA mais uma vez redimensionada, agora para 114 volumes nas quatro seções. Mas cada um deles ainda é acompanhado por outro volume, o chamado “aparato”, que contém termos variantes ou suprimidos pelos próprios autores nos manuscritos, além das notas e índices da edição. Por meio desses instrumentos, é possível traçar a composição do original em suas alternativas e dificuldades, algo de importância considerável conforme o tipo de pesquisa realizada.

Essas preocupações caracterizaram o projeto da “segunda MEGA” desde o início e foram reforçadas pelas circunstâncias políticas das últimas duas décadas, que determinaram o fim dos vínculos diretos a qualquer partido ou tendência

marxista específica. Trata-se agora em definitivo de disponibilizar do modo mais amplo e rigoroso possível o imenso material bibliográfico legado por Marx e Engels, deixando para os pesquisadores a tarefa da interpretação em sentido estrito. Com isso, surgem muitas questões onde antes parecia haver certezas a respeito da composição das obras, isto é, da trajetória de estudo e redação que levou seus autores até determinado ponto de elaboração, ou que os fez abandonar um caminho e começar outro. Em vez de livros prontos, de manuscritos que só teria faltado publicar, configuram-se protocolos de um pensamento vivo, em constante reformulação, o que no caso de *O capital* – tema privilegiado da seção II da MEGA – é algo ainda mais importante. Aqui aparecem as questões de maior peso, por isso, é sintomático essa seção ter sido a primeira a se completar.

A seção II – *O capital* e seus escritos preparatórios

Já na “primeira MEGA”, a segunda seção havia sido idealizada para ter quinze volumes. A “segunda MEGA” os mantém, mas divide em seis tomos o terceiro, o dos manuscritos de 1861-1863, e em três o quarto, o dos manuscritos de 1863-1867, perfazendo, de fato, um total de 22 volumes. Deles, quatorze foram publicados até 1989: os escritos prévios a *O capital*, desde os *Grundrisse* (MEGA II 1); e as várias edições e traduções do Livro I – a edição alemã de 1867 (MEGA II 5) e de 1872 (MEGA II 6), e a tradução francesa também desse ano (MEGA II 7), revista pelo próprio Marx, além das edições alemãs preparadas por Engels em 1883 (MEGA II 8) e 1890 (MEGA II 10), e da tradução inglesa de 1887 (MEGA II 9). É incontestável a relevância desse material, que permite ao pesquisador confrontar as permanências e diferenças nas edições.

Assim se generaliza o grande benefício da leitura dos *Grundrisse*, ressaltado por Roman Rosdolsky (2001), a saber, o de poder examinar em seu nascedouro a obra máxima de crítica da economia política de Marx, descobrindo os conceitos que seriam mais tarde incorporados ou desconsiderados, e principalmente os que passaram para segundo plano, mas que, implícitos, serviram de base para desenvolvimento subsequente, como o de “capital em geral”. Com os manuscritos posteriores, fornecidos pela MEGA, o exame pode avançar através do desenvolvimento conceitual entre 1861 e 1867 e, depois, das edições do Livro I de *O capital*: além das conhecidas modificações feitas por Marx na segunda edição alemã e na tradução francesa, há as feitas por intervenção de Engels na terceira, que se aproxima da primeira, e na quarta, que em geral volta à segunda.

Contudo, esses volumes da MEGA deixavam o leitor ainda com a sensação de obra acabada. Apenas o Livro I havia sido publicado antes da década de 1990, ou seja, o texto que o próprio Marx aprontara do começo ao fim; e mesmo os escritos anteriores, também publicados, podiam perfeitamente ser vistos sob um ângulo construtivo, como textos cujo maior mérito era o de se aproximar gradativamente da formulação tida por definitiva e cabal. Esse era, inclusive, o teor dos prefácios redigidos na MEGA até então, que ressaltavam sempre o que permanecia de um

momento para outro da constituição progressiva de *O capital*, e não tanto as inflexões e as alternativas, as tentativas recorrentes e as frustradas.

Independentemente das condições políticas da década de 1990, seria impossível conservar esse tom com o prosseguimento da edição da seção II. Tratava-se agora dos manuscritos dos livros II e III de *O capital*, que variavam de um estado de quase acabamento a um rudimentar e de elaboração embrionária. Por exemplo, as folhas referentes ao famoso quinto capítulo do Livro III, sobre o capital a juros, apresentavam ainda as colagens feitas por Marx de pedaços dos jornais e das revistas que ele lera e recortara, para depois escrever ao lado seus comentários. Além disso, os manuscritos provinham de épocas bem distintas, por causa do método de trabalho de Marx: como ele planejou sempre lançar os três livros de *O capital* juntos, desde o começo os redigia mais ou menos ao mesmo tempo, o que pode ser constatado já nos *Grundrisse* e depois em *Para a crítica da economia política* – nome que dava à sua obra na fase entre 1859 e 1863. Mas os textos utilizados por Engels para editar o Livro II e o III haviam sido escritos mais tarde, de início, entre 1864 e 1867 e, em seguida, de 1868 até 1881, praticamente no fim da vida do autor. À primeira vista, não havia problema no procedimento de Engels, porque os textos da fase final pareciam apenas complementar e resolver pendências técnicas de antes de 1867. A retomada da publicação da MEGA na década de 1990, porém, mostrou não ser bem esse o caso.

A primeira parte dos manuscritos de 1864 a 1867, que constam no volume 4.1 da segunda seção da MEGA, fora editada ainda em 1988, com texto referente ao Livro II. Mas quando a edição do texto referente ao Livro III – o volume 4.2 – saiu em 1993, começou a grande discussão a respeito do trabalho de Engels. Como se confirmou mais tarde, com o lançamento da edição de 1894 do Livro III em 2004 (MEGA II 15), e principalmente do texto redacional de Engels, em 2003 (MEGA II 14), as opções dele na seleção dos escritos e na sua ordenação poderiam ter sido outras. E ele havia feito intervenções no texto de Marx muito maiores do que as assumidas no seu prefácio de 1894: além de resumir muito o material deixado por Marx para as primeiras duas seções do livro, Engels misturou escritos de épocas diferentes, acrescentou várias passagens na quinta seção, mencionada anteriormente, e na verdade escreveu todo o capítulo 4, do qual havia encontrado só o título. No Livro II ele não mexeu tanto, mas deixou de fora uma quantidade enorme de material, publicado enfim pela MEGA em 2008 (MEGA II 11) com o próprio Livro II (MEGA II 13) e com o texto redacional de Engels (MEGA II 12) – o volume 11 da segunda seção da MEGA, por exemplo, com os manuscritos do Livro II, incluindo o volume de “aparato”, tem 1.750 páginas.

Mas não se trata exatamente de condenar o trabalho de Engels, excepcional para as condições da época, e sim de abrir possibilidades de leitura do texto de Marx. Por um lado, a própria edição abre essas possibilidades, pois em vez dos ordenados capítulos dos livros II e III, o leitor se depara com apontamentos provisórios, às vezes bem rudimentares, distantes da redação definitiva e do enca-

deamento necessário a um texto acabado. A edição de Engels havia disfarçado em geral justamente esse aspecto. Por outro lado, os prefácios escritos pela equipe da MEGA para as publicações atuais têm a intenção precisa de remover em definitivo o disfarce e apontar a incompletude do texto, ao estabelecer as datas prováveis em que cada parte foi redigida, ou ao apontar o lugar exato de superposições e de repetições indicativas da necessidade sentida por Marx de alcançar uma melhor formulação ou articulação dos conceitos. Algo em tudo distante dos prefácios antigos, apologéticos da realização progressiva e unívoca da grande obra, ponto de chegada em função do qual o que veio antes podia ser julgado.

Com a publicação dos escritos imediatamente posteriores à primeira edição do Livro I de *O capital*, no último volume dessa seção da MEGA, essa tarefa se completa. Preenche-se uma lacuna, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, abrem-se outras tantas, e nesses espaços podem surgir questionamentos imprescindíveis à leitura crítica que a obra merece, instigadora de novas leituras.

A MEGA II 4.3 – o problema da continuação da obra

Para o pesquisador, é muito interessante ver como Marx não se satisfaz com nenhuma das inúmeras tentativas de começar o Livro II pela exposição dos circuitos do capital individual, nem pelas soluções matemáticas que desenvolvia para a passagem de valor a preço. Esses são os temas principais nos textos que agora vieram à luz no volume 4.3 da segunda seção da MEGA.

O livro é composto por quinze textos escritos entre o outono de 1867 e o inverno de 1868, dos quais sete relativos ao Livro III e três ao Livro II de *O capital*, evidenciando o desejo do autor de aproveitar o ímpeto surgido da publicação do Livro I e logo completar a obra. Três textos discutem ainda a relação entre os dois últimos livros de *O capital*, e os restantes, por fim, correspondem a um momento anterior: em um deles, escrito em julho de 1863, Marx faz um esboço do índice de *Para a crítica da economia política*, mencionado anteriormente; e em outro rascunha uma nota sobre Malthus para ser incluída no Livro I de *O capital*, coisa que acabou não fazendo.

De modo geral, os textos incluídos nesse volume da MEGA seriam considerados apêndices de menor importância diante do material já escrito para os livros II e III na fase anterior, de 1863 a 1867. Mas então o mesmo deveria se passar com os manuscritos da década de 1870 como um todo, em que Marx reelabora assuntos de que já havia tratado antes. O problema é que o exame deles sugere que algo de novo estava ali sendo pensado, algo que justificaria, inclusive, a extensão dos escritos – já foi dito que o material para o Livro II publicado no volume 11 da segunda seção da MEGA, por exemplo, possui aproximadamente 1.750 páginas. E o fato de Marx insistir em reescrever sempre sobre os mesmos temas, em especial sobre os circuitos de circulação do capital singular do começo do Livro II, mostra insatisfação com o já realizado ou talvez novas exigências teóricas ainda não contempladas.

O prefácio dos editores da MEGA II 4.3 propõe uma questão ainda mais complicada.² É que, comparando os projetos do Livro I de *O capital* com o que acabou sendo publicado, verifica-se que Marx introduziu o conjunto dos relatórios e dos dados empíricos, bem como o final, sobre acumulação e reprodução do capital social, assim que decidiu aceitar o conselho de Engels de publicar o primeiro livro antes dos demais. É como se ele tivesse algum receio de não poder concluir a obra e quisesse, por isso, dar ao Livro I um sentido completo. O tema da acumulação e reprodução do capital, em particular, esteve reservado desde sempre para o Livro II, e sua antecipação no fim do Livro I serviu para concluí-lo, perfazendo o círculo da própria reprodução real, que começa com o valor e o valor que se valoriza, para atingir as condições em que se repõe como sujeito do seu processo de autoconstituição.

Depois disso, entretanto, Marx teve dificuldades em retomar o tema da reprodução no Livro II. As passagens históricas e empíricas, unidas ao problema do aumento da composição orgânica do capital – antecipado do Livro III –, com a consequente pauperização da força de trabalho, permitiam ao Livro I fazer um prognóstico sombrio do futuro do capitalismo. Como, então, expor o funcionamento adequado da circulação do capital no Livro II? Como começar explicando a perfeita operação dos circuitos de reprodução do capital individual, passar para a não menos adequada rotação de suas partes e concluir com a proporcionalidade das trocas entre os departamentos em que se divide o capital social? Era preciso acertar a mão já no princípio, nos circuitos do capital individual, o que talvez explique a importância dada a eles na maior parte dos textos posteriores, bem como a insatisfação de Marx com as soluções que encontrava e sucessivamente recusava.

Essa é uma das possíveis sugestões da MEGA para a redação de *O capital* ter sido, na prática, suspensa. Somam-se a ela outras, porém. A mudança nos planos de publicação do Livro I pode estar associada ao começo de uma nova fase no trabalho de Marx, que não teria alcançado seu ápice em 1867, como pretendem as análises tradicionais. Em vez disso, as pesquisas da MEGA levam a crer que, já em 1866, Marx repensava o plano da obra, depois de haver formulado com mais clareza e pregnância o teorema do fetichismo da mercadoria e suas derivações para o dinheiro e o capital. O capítulo sobre os juros no Livro III, por extensão, que Engels acabou editando a partir de textos redigidos entre 1864 e 1865, deveria ser inteiramente reelaborado, levando em conta os desenvolvimentos recentes do sistema de crédito, cuja importância crescente para a reprodução ampliada do capital era vista com lucidez por Marx. E também chamava a sua atenção o papel estratégico desempenhado pela economia dos Estados Unidos depois da Guerra de Secessão. Uma eventual quarta fase de trabalho implicaria para Marx, portanto, uma pausa na redação e o retorno ao exercício do “método de investigação”.

2 A questão é discutida nas p.437-438 do referido volume da MEGA, mais exatamente no começo do volume de “aparato” (Marx, 2012).

Nada disso pode ser afirmado categoricamente. Nem a MEGA pretende fazê-lo. Fiel ao seu projeto, ela se reserva o direito de propor questões, de apontar os dilemas da pesquisa, de caracterizar o seu objeto como algo nunca acabado, em reformulação constante na própria mente dos autores. E esse é, na verdade, o maior serviço que ela pode prestar.

Referências bibliográficas

- HUBMANN, G. Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamtausgabe. *Crítica Marxista*, n.34. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- MARX, K. *Karl Marx Ökonomische Manuskripte 1863-1868*. MEGA II 4.3. Berlim: AkademieVerlag, 2012.
- MARX-ENGELS GESAMTAUSGABE (MEGA). Disponível em: <www.akademie-verlag.de>.
- ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Eduerj/Contraponto, 2001.
- VOLLGRAF, C.-E.; SPERL, R.; HECKER, R. (orgs). *Zur Kritik und Geschichte der MEGA*. Hamburgo: 1992.

GRESPAN, Jorge. “O capital e seus escritos preparatórios”: sobre o lançamento do volume 4.3 da MEGA. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.37, 2013, p.155-161.

Palavras-chave: O Capital; MEGA; Marx.